

Aqui, futebol

J. Roberto Whitaker Penteado

A arte do futebol é uma contribuição brasileira de valor universal. - Eric Hobsbawm

Tirei a citação desse artigo de um livro editado pela FGV Futebol por todo o Mundo que acabo de receber. Não fosse parecer pretensioso, teria dito que o grande historiador me havia tirado a palavra da boca, pois havia pensado em escrever sobre futebol, nesta semana em que, no mundo inteiro, afinal não se fala de outra coisa.

Em que pese o futebol ter nascido na Inglaterra, ainda no século 19, não é exagero afirmar que adotamos e desenvolvemos este esporte melhor do que ninguém. Faço parte de uma geração privilegiada, pois tive a oportunidade de ver jogar, ainda, muitos dos craques de 1950 como Ademir, Jair e Zinho e todos os de 1958, como Bellini, Nilton Santos e Zito, ainda nos seus times (Vasco, Botafogo e Santos). E meu pai e meu avô falaram-me tanto de Leônidas da Silva, Friedenreich e Heleno de Freitas que é como se eu os tivesse visto. Nos idos de 1925, na primeira excursão de um clube brasileiro ao exterior, o Club Athletico Paulistano encantava os europeus impondo-lhes fantásticas goleadas e merecendo, da imprensa francesa, o título de Os Reis do Football, com uma equipe que reunia jogadores hoje esquecidos, como Araken, Netinho e Filó (que, como oriundo, seria campeão pela Itália, em 1934).

Entre 1950 e 1958, ouvi, muitas vezes, que nós, brasileiros, não ganharíamos uma Copa enquanto jogássemos com um time cuja maioria dos jogadores fossem negros. Havia quem levasse isso a sério pois só haviam sido campeões, até então, a Itália, o Uruguai e a Alemanha mas, felizmente, na alva Suécia, nossos Garrincha, Didi, Pelé & cia. (inclusive os brancos) encarregaram-se de demolir essa bobagem.

E não há melhor testemunho para demonstrar que além da contribuição cultural de valor universal dada pelo Brasil, de acordo com o prof. Hobsbawm demos, também, um exemplo importante a todos os povos do mundo, para acabar com a hipocrisia racial, no fato de que, nesta Copa da Alemanha, as seleções um dia totalmente arianas da Inglaterra, Holanda, Alemanha e França hoje entram em campo com equipes incluindo ingleses, holandeses, alemães e franceses de etnias africana, árabe, etc.

Na VEJA da semana passada, o jornalista R. Pompeu de Toledo questionava a brasilidade de uma equipe toda formada por jogadores que não mais atuam aqui, mas são astros dos melhores times do mundo. Acho que não tem nada a ver. Nossa equipe de virtuosos, hoje, não mais precisa de uma nacionalidade. Em que pese termos estado presentes às finais dos três últimos campeonatos mundiais e conquistado dois: o tetra e o penta seja quem for o campeão (e podemos ser nós por que não?) estarão sempre presentes, no lugar mais alto do pódio, a inteligência criativa, a faiscante habilidade e a alegria de viver de quem fez bem mais do que a sua parte em favor do mais universal de todos os esportes.

Disponível em: <<http://www.jrwp.com.br/artigos/leartigo.asp?offset=180&ID=335>>. **Acesso em:** 5 ago. 2009.